

PENTAGRAMA

2005 NÚMERO 4

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



DA LUZ PARA A LUZ

A BUSCA DO EU VERDADEIRO

O CAMINHO INDICADO POR HERMES

O HOMEM QUE ESCUTAVA A PEDRA

A UNIDADE DOS PEREGRINOS NA SENDA

MANI, O DOM DA LUZ

OS SONS SE PERDEM NO INFINITO

VENCER O ENGANO

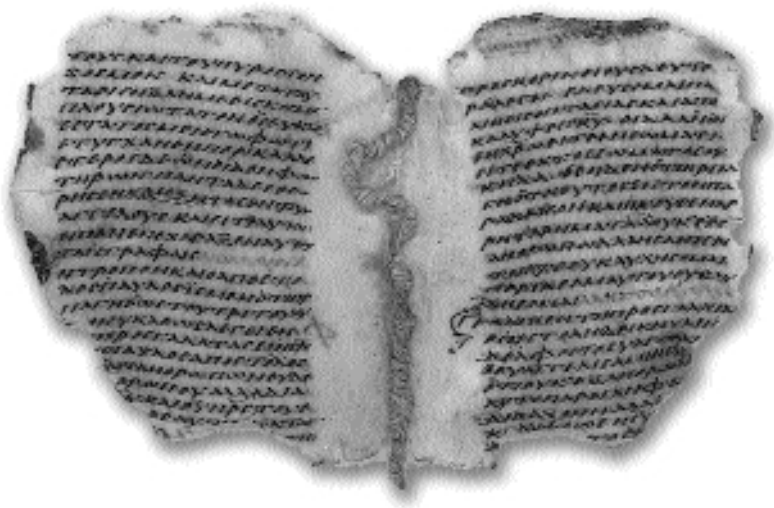
PENTAGRAMA

MANI, O DOM DA LUZ

“O ensinamento de Mani
corresponde perfeitamente à finalidade
e à essência do cristianismo ensinado
pelos rosacruzes através dos séculos.

Por conseguinte, Mani é uma de
suas principais fontes de inspiração.”

J. van Rijckenborgh



ÍNDICE

- 2 DA LUZ PARA A LUZ
- 5 A BUSCA DO EU VERDADEIRO
- 8 O CAMINHO INDICADO POR HERMES
- 14 O HOMEM QUE ESCUTAVA A PEDRA
- 18 O HOMEM NATURAL E O HOMEM ESPIRITUAL
- 22 A UNIDADE DOS PEREGRINOS NA SENDA
- 24 MANI, O DOM DA LUZ
- 32 OS SONS SE PERDEM NO INFINITO
- 34 VENCER O ENGANO

ANO 27
NÚMERO 4

DA LUZ PARA A LUZ

O homem é uma criatura tão maravilhosa que, partindo do mais baixo, ele pode penetrar até o mais elevado, desde a tenebrosa crosta terrestre até o coração ígneo de nosso corpo solar, Vulcano, o Sol por trás do sol. Para essa viagem, o Pai de todas as coisas nos munuiu de um organismo complexo, ancorado no mundo, que pode perceber através dos sentidos. É o instrumento adequado para que possamos experimentar tudo o que nos rodeia como que refletido num espelho.

A jovem alma experimenta e aprende mediante o tato, o paladar, a audição, a visão, bem como pelo instinto, assim como o faz toda criatura da natureza. Ao mesmo tempo, o homem trabalha a própria alma. Assim, ela é formada, com o passar do tempo, não somente pelas circunstâncias, mas também pelo cinzel do “escultor” que deixa suas marcas atrás de si. Simultaneamente, à semelhança de uma serena e luminosa nuvem em nós e ao nosso redor, vive algo totalmente diferente, algo intangível.

Na maioria das vezes, a vida segue o seu curso normal; as forças vitais se esgotam, a pessoa morre e a alma se extingue. Até lá, talvez após muitas experiências, irrompe um desejo, uma aspiração por algo maior, por esse algo “intangível”.

Então, esse anseio indefinido encontra o que lhe é semelhante e se harmoniza com ele; e atrai o que lhe corresponde. Do impulso informe nasce uma fé ardente que se aproxima do intangível: a reminiscência de uma luz, de uma possível aurora. Então, desper-

MIKHAIL NAIMY ESCREVE NO
LIVRO DE MIRDAD:

Este é o caminho que leva à libertação das preocupações e da dor: Pensai como se cada um de vossos pensamentos tivesse de ser gravado a fogo no céu, para que todos e tudo o vissem. E, verdadeiramente, assim é. Falai como se o mundo todo fosse um único ouvido atento a escutar o que dizeis. E, verdadeiramente, assim é. Agi como se todos os vossos atos tivessem de recair sobre vossa cabeça. E, verdadeiramente, assim é. Desejai como se vós fosseis o desejo. E, verdadeiramente, o sois. Vivei como se vosso Deus, Ele próprio, tivesse necessidade de vossa vida para viver a Dele. E, verdadeiramente, Ele necessita.

tam novos sentidos que podem observar algo dessa luz: faculdades chamadas “intuição”, “voz do silêncio”, “inspiração”, “olhos do coração”, etc.

Atualmente existem pessoas que partem em busca dessa luz, que rumam em direção a ela para dela viver, mas que ainda não o conseguem totalmente. Certamente a busca é real e prazerosa, mas também a ligação com o destino pode ser opressiva, o que faz o poeta dizer: “Ah, duas almas coabitam em nosso imo”. Todos os nossos órgãos encontram-se ligados à nossa alma e dela são parte integrante. Por isso, esta alma deve ser chamada de alma natural.

Quando os órgãos sensoriais naturais se mostram insuficientes para penetrar a matéria densa e examinar o que é oculto, o homem inventa instrumentos para sondar sempre mais a

imensidão do Universo e as profundezas da matéria.

Poderemos algum dia encontrar desse modo respostas satisfatórias? É um mero organismo singelo que precisa do intelecto para responder e esclarecer as indagações e especulações. O desejo insatisfeito permanece e as experiências podem se tornar mais fortes e dolorosas se não conseguirmos chegar a conclusões positivas. Quem já não passou por essa experiência? Quantas vezes nosso coração já não foi tocado pelas imagens, pelos sons, pelas fragrâncias? Quão inevitavelmente reagimos a eles com nosso pensar, nossa psique e – através dos hormônios – com todo o nosso corpo.

Como o “outro”, apenas pressentido, pode ser tragado tão rapidamente pelas ondas de entusiasmo ou pelo peso do sangue!

Contudo, um desejo silencioso persiste em nosso íntimo: uma grande nostalgia de uma vida pura e verdadeira. É possível aprender, desde a infância, a perceber com o sentido interior que “provém da luz” e dele testificar, dando-lhe mais valor do que à percepção exterior. Por causa da eventual tensão, bem como da dor do antagonismo contínuo entre a nostalgia da luz e os impulsos da alma natural, é possível que já não suportemos essa situação. E já não a queiramos!

Então, uma crise interior assoma em nós, devido a nós mesmos e à luz em nós, porque ora colaboramos com um e ora colaboramos com outro. A crise é o momento em que a escolha tem de ser feita e no qual podemos dizer “sim!”, com total convicção, no qual todas as reviravoltas vão desaparecendo, até cessarem completamente. Se, do mesmo modo, surge um poderoso “não!”, muitas vezes o interesse pela atividade da luz é perdido. E

Leões guardam a entrada de um santuário em Delos. Século VI a.C.

não é pelo fato de agirmos bem com tudo (ou pensarmos que agimos bem) que estamos aptos a trilhar “a senda”. Isso é uma ilusão e um dos maiores equívocos que afetam milhares de esotéricos. A única coisa que conta é um “sim” franco e sincero, vindo do coração!

Nisso está estabelecida a base para a transmutação dos sentidos exteriores em um primeiro sentido interior. Na luz do autoconhecimento – a compreensão pela situação descrita – nasce o *insight*, o entendimento.

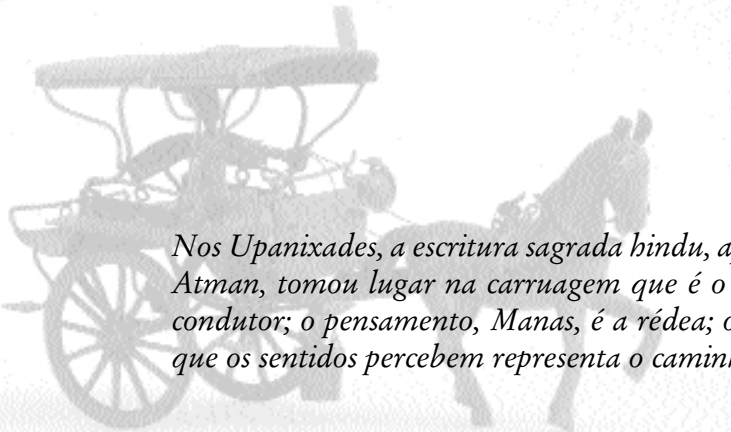
Do *insight* surge um primeiro resultado: a gratidão. A gratidão preenche o ser com o sutil brilho da alegria. Gratidão para a vida una da qual sabemos que somos, de qualquer modo, uma parte modesta, porém importante. Em suma, esses dois aspectos, visão interior e gratidão, iluminam,

como se fosse pela primeira vez, todos os espaços sombrios de nosso ser. À medida que o processo se desenvolve, nasce uma nova vontade, poderosa e pura, que nos dá a oportunidade de cooperar com o trabalho da luz transfiguradora em nós. Não interviemos naquilo que se passa em nosso interior. Nosso papel consiste em total disponibilidade, onde for possível, e de modo muito inteligente.

Assim, os resultados se tornam visíveis. À medida que o alvo se torna mais claro, a concentração aumenta e se reforça. O peregrino experimenta sempre mais concretamente a realidade que, primeiramente, ele só presentia como um nebuloso desejo; a realidade da nova vida que, na antiga linguagem dos mistérios cristãos, era chamada de a paz que não é deste mundo. Isto é “caminhar na luz”.



A BUSCA DO EU VERDADEIRO



*Nos Upanixades, a escritura sagrada hindu, aparece a seguinte alegoria: “O Eu, Atman, tomou lugar na carruagem que é o corpo; o entendimento, Budi, é o condutor; o pensamento, Manas, é a rédea; os sentidos são os cavalos, e aquilo que os sentidos percebem representa o caminho que leva ao objetivo”.*¹

A busca desse elevado objetivo, o caminho, requer, contudo, uma grande perseverança; mas, apenas com ela, não estamos em condição de nos alinhar a esse objetivo. Nosso mental está sujeito a determinado impulso de vida biológico que nos prende dentro dos limites do mundo material. Isso marca nossas experiências e nossa compreensão e determina nossos objetivos.

Nosso pensamento está sempre ocupado, evidentemente, com as coisas transitórias. Seguidamente nosso ânimo, nossos impulsos afetivos, é como cavalos selvagens, impossíveis de controlar. Somos apanhados pelas aparências às quais nos ligamos.

A fim de controlar os cavalos, esforçamo-nos por refinar nossos instintos e adquirimos capacidades cada vez mais sutis que nos ajudam a nos mantermos no mundo material. O Eu verdadeiro, como um germe de luz, está em algum lugar entre as bagagens da carruagem e mantém-se intocado por todas essas refinadas manifestações de vida. Enquanto permanecermos voltados para a matéria – e, portanto, também o nosso pensamento – os movimentos do coração ficarão também restritos aos limites deste mundo dos opostos, e os impulsos do germe de luz não poderão chegar até nós.

TENTAR QUIETAR-SE PARA REFLETIR

Não conseguimos evitar a ronda sem fim de nossas alegrias e tristezas às quais somos arrastados pelos nossos sentidos, e, principalmente, não reconhecemos aí nenhum objetivo, pois este não existe. Isso não nos fará alcançar algo determinado, porém nos levará a conscientizar-nos de que pertencemos a um outro campo de vida. Daí um objetivo poderá nascer! Em semelhante estado de ânimo, experimentaremos que a coerência sugerida pelos sentidos é mera ilusão.

O desejo, como um fogo-fátuo lançado de cá para lá, mantém a ilusão e já traz em si o pesar seguinte. A ilusão provém de uma interpretação errônea das leis que regem nossa vida.

Quando renunciamos a nossas idéias e começamos a observar, tranquilamente, todas as coisas e situações, aceitando-as tal como elas se apresentam, chegamos a um limite. E quando questionamos a coerência exterior que nos é sugerida, damos o primeiro passo no caminho da libertação do pensamento, até então orientado para a matéria.

O núcleo de luz latente terá, assim, então despertado em nossas profundezas um sentimento até então desco-



Shiva dança sua dança quántupla da criação, do ofuscamento e da perpetuação, do aniquilamento e da libertação. Aos seus pés está Asura, o vencido demônio da ignorância. A dança de Shiva é o primeiro movimento do Universo, que é eterno. Ela é igualmente o ritmo da vida e a libertação do espírito no coração do discípulo, o aluno. Escultura de bronze, Índia.

nhecido: um desejo indefinido, uma nostalgia. Caso neguemos esse sentimento, os sentidos e o intelecto nos conduzirão por inúmeros desvios. Mas, se o aceitamos, os impulsos da centelha de luz trazem, desse modo, a compreensão à nossa vida interior, há muito tempo esquecida. Essa nova compreensão, surgida do coração, eleva nosso pensar acima do plano material.

Os Upanixades ensinam que um coração puro conduz a uma justa compreensão, graças à qual podemos, enfim, entender nossas experiências. À luz de nosso “fundamento”, perceberemos que nossas experiências foram de fato necessárias, mas que também nos afastaram de nossa verdadeira

meta. Nosso passado é o solo nutridor do verdadeiro Eu esquecido, que pode agora eclodir como a flor de lótus enraizada no lodo de um lago.

A MORADA DE VISHNU

Aquele que alia a pureza interior à justa compreensão e faz uso delas como condutor da carruagem e utiliza o pensamento objetivo como rédeas alcança o ponto mais elevado, a morada augusta de Vishnu ², o deus dos deuses, que ao lado de Lakshmi, deusa do lótus desabrochado, repousa sobre a serpente cósmica ³.

Lakshmi simboliza a radiação da sabedoria divina que nos eleva acima do plano dos fenômenos sensoriais e

quer nos conduzir para fora do caos das ilusões. O mito hindu menciona que o deus dos deuses dorme e que todas os acontecimentos da criação, da origem até o fim dos mundos, são apenas o encadeamento infinito de imagens de seu sonho. Vishnu e Lakshmi formam uma unidade: juntos, eles são a primeira e única entidade consciente do Universo. Em contraposição, tudo neste mundo de aparências é multiforme, e os acontecimentos estão desligados da realidade⁴.

As antigas energias vitais podem, freqüentemente, através de seus impulsos, nos levar à confusão. Elas permanecem mesmo quando podemos compreender sem impedimentos o novo sentido da vida. Os velhos padrões existenciais que pensávamos ter deixado para trás requerem continuamente nossa atenção. Somente quando a tempestade de nossas reações arraigadas for anulada pela pura nova energia é que nosso estado de ser poderá mudar de padrão vibratório. A verdade encontrou uma morada em nós, porém não podemos abarcar essa realidade por meio de nossos sentidos exteriores.

Quando nosso desejo está orientado para o Eu verdadeiro, nossos sentidos exteriores podem fundir-se no sentido interior individual. Essa é a verdadeira compreensão das coisas. Então, nossos sentidos outra coisa não podem fazer senão orientar-se para o objetivo da vida. A carruagem é aliviada de seu lastro. Finalmente o condutor reconhece a sua própria essência. Os cavalos dão meia-volta a fim de seguir o caminho indicado pela radiação da sabedoria divina. Desse homem é dito:

*Ele não vê, não sente nem saboreia;
ele não fala nem escuta;
não pensa nem reconhece,*

pois nada existe que seja diferente dele...

E, contudo, ele vê, pois a visão e ele são unos, ele ouve, pois o ouvir e ele são unos...

E ele sente, pois o sentir e ele são unos, e ele discerne, pois o discernimento e ele são unos.

Essa realidade é refletida pela personalidade purificada que já não está sujeita à coerência sugerida pela vida exterior. Disso surge uma projeção pura da verdade eterna, uma radiação que intervém em nosso campo de existência com luz e amor.

*Este é o segredo da existência:
levar-vos a vós mesmos, como
homens-personalidades, a tal estado,
conduzir-vos a tal atitude de vida,
que a realidade, o Uno, se projete
através de vós...*

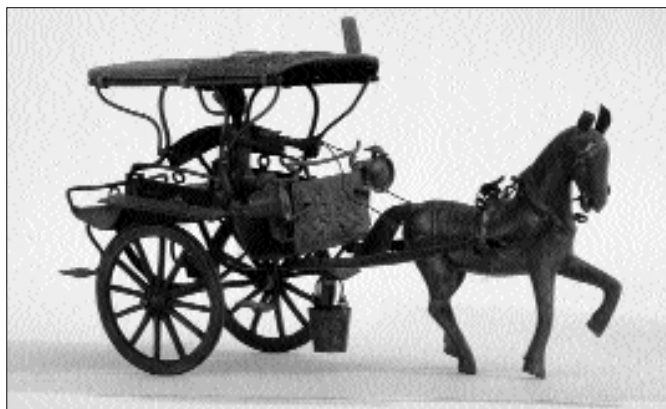
*Então, uma poderosa luz se
derrama nas trevas desta existência,
para a bênção de muitos.⁵*

FONTES:

- 1 Zimmer, H., *Filosofias da Índias*. São Paulo: Palas Athena, 1986.
- 2 Golowin, S., Eliade, M. e Campbell, J., *De grote mythen van de wereld*. Leuven: Davidsfonds, 1999.
- 3 Idem.
- 4 Schult, A., *Die Weisheit der Veden und Upanishaden*. Berlim: Lorber/Turm, 1986.
- 5 Rijckenborgh, J. v., *A Gnosis chinesa*, Jarinu: Rosacruz. (no prelo).

Escultura contemporânea representando a metáfora da carruagem. No interior, sentado, encontra-se (invisível) o eu, Atman; Budi, o condutor, é o entendimento; Manas, o pensador, tem o controle das rédeas; os cavalos são os sentidos, e aquilo que eles vêm constitui o caminho.

© Pentagrama 2005.



O CAMINHO INDICADO POR HERMES

J. van Rijckenborgh e o Corpus Hermeticum

Nos anos 50 do século passado, o fundador do Lectorium Rosicrucianum, J. van Rijckenborgh, comentou, no decorrer de várias conferências, os dezesseis livros de Hermes que, com o Teleios Logos (O discurso perfeito ou diálogo entre Hermes e Asclépio), formam o Corpus Hermeticum.

Esses livros, que são a base da tradição hermética, eram, nessa época, totalmente desconhecidos do público em geral. É mérito de J. van Rijckenborgh ter reconhecido o seu valor libertador e dado a seus alunos explicações claras, sim, cristalinas. Os textos que compõem o *Corpus Hermeticum* foram escritos no Egito no final do século III, ou melhor, foram transcritos por autores desconhecidos. Eles eram parte de uma coleção muito maior de textos atribuídos ao personagem mítico conhecido como Hermes Trismegisto, que teria vivido aproximadamente em 3000 a.C. Entre os gregos ele era chamado de Trismegisto; os egípcios o chamavam de o três vezes grande Thot.

De fato, esses textos têm todos a mesma origem religiosa e filosófica, da qual também surgiram o neoplato-



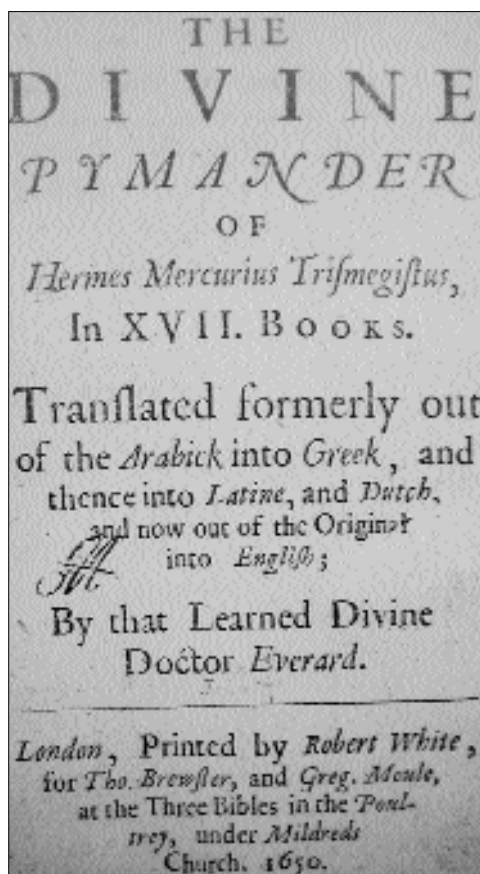
nismo, os diversos comentários da sabedoria de Jesus Cristo e os vários ensinamentos atribuídos ao “gnosticismo”. As múltiplas relações entre os temas tratados e o que eles têm em comum mostram que podemos considerar essa literatura como um todo. Cada escrito aborda as grandes questões que preocupavam os buscadores daquela época e tenta dar-lhes uma resposta.

Os livros conhecidos sob o título *Corpus Hermeticum* foram reunidos na época bizantina (395-1453 d.C.). Após mil anos de esquecimento, em 1460, uma cópia deles caiu nas mãos de negociantes a serviço de Lorenzo de Médici. Marsílio Ficino, cuja força propulsora estava por detrás da fundação da Academia de Florença, precisou, então, interromper sua tradução das obras de Platão, a fim de começar imediatamente a traduzir o *Corpus Hermeticum* para o latim. Essa tradução foi publicada em 1463 e foi reeditada pelo menos vinte e duas vezes no século seguinte e acolhida como um alento.

A obra compreende diferentes partes. O livro I, *Pimandro*, é a descrição de uma revelação sobre as coisas essenciais que Hermes vivencia porque Pimandro, a Alma-Espírito, expressão do espírito universal, aparece-lhe interiormente. Os oito livros seguintes (livros II a IX), que podem ser classificados sob o título *Discurso perfeito*, são diálogos curtos e textos que transmitem certos pontos fundamentais da filosofia hermética. A seguir, o livro X, *A chave*, faz um breve apanhado dos textos do *Discurso perfeito*. Os quatro livros seguintes (livros XI a XIV) adentram os aspectos mais místicos do ensinamento de Hermes, *O Espírito fala a Hermes*, *o Espírito que tudo penetra*, *o Discurso secreto sobre o monte*, e a *Carta de Hermes a Asclépio sobre a essência do Todo*. O conjunto termina com os *Aforismos*. *Uma Epístola de Asclépio ao rei Amon*, o livro XVI, é aparentemente composto de três fragmentos de um escrito mais longo.

O DISCURSO PERFEITO

O *Discurso perfeito*, ou Asclépio, que foi acrescentado a partir de 1505



ao *Corpus Hermeticum*, é de um tempo mais antigo e chegou ao conhecimento na Renascença por um caminho totalmente diferente. Mesmo na Antigüidade esse texto fora traduzido para o Latim por Lucius Apuleius Madaurensis (124-170 d.C., em Madauros, na Numídia, África do Norte), cuja mais importante Obra, *As Metamorfoses* (ou *O Asno de Ouro*), em seu décimo primeiro livro dá uma das melhores descrições ainda existentes sobre o culto de Ísis no mundo romano.

Agostinho cita, em sua *Cidade de Deus*, a essência da antiga tradução latina de *Asclépio*. Durante a Idade Média, três exemplares continuaram circulando até a Renascença. Infelizmente, o original grego se perdeu, apesar de ser citado em várias fontes antigas.

À esquerda:
Hermes Trismegisto
Acima: página de
rostro ou frontispício
da edição inglesa do
livro de *Pimandro*
(*Corpus Hermeticum*),
Londres, 1650.

A idéia filosófica do mundo e os sistemas escolásticos do final da Idade Média receberam o *Corpus Hermeticum* como uma bomba. Os pais da Igreja, que há muito citavam a literatura hermética para defender seu próprio ponto de vista, estavam persuadidos de que Hermes Trismegisto era um sábio que vivera na época de Moisés. Acreditava-se, na Renascença, que o *Corpus Hermeticum* havia influenciado o pensamento judeu e grego. Surgiram três fragmentos dos textos herméticos de origem judaica e grega. Daí concluiu-se que o *Corpus Hermeticum* era a mais antiga sabedoria conhecida. A filosofia hermética era considerada a tradição original de sabedoria e era identificada com a sabedoria egípcia, louvada no Êxodo e no Timeu de Platão. Assim, o ensinamento hermético constituiu um poderoso argumento para esses pensadores que tentavam romper a asfixia causada pelo pensamento aristotélico – a escolástica, que sufocava todo livre desenvolvimento da alma.

Por um lado, as autoridades espirituais estabelecidas leram essas obras com empenho, como o cardeal Patrizzi, que assegurou o financiamento da publicação de uma edição completa em Ferrara em 1593, declarando em alta voz que esperava ver esses ensinamentos substituírem a teologia aristotélica de Tomás de Aquino nas escolas e monastérios; por outro lado, um hermetista como Giordano Bruno não pôde escapar de uma acusação de heresia e da morte na fogueira, em 1600.

O ensinamento de Hermes foi um importante meio para a aceitação do *pensamento mágico* na Europa. Isso porque a Hermes também foi atribuí-

da uma importante coleção de textos sobre astrologia, alquimia e magia. Ora, se Hermes tivesse sido um personagem histórico, se os Pais da Igreja o tivessem citado livremente e, sobretudo, se fosse provado que esses escritos estavam em concordância com as principais asserções do ensinamento eclesiástico, ter-se-ia podido comprovar que o ensinamento hermético era fundamentado na *verdade* e, portanto, poderia ser reconhecido como autoridade.

As conseqüências são conhecidas: os tempos não estavam ainda maduros. Pode-se até mesmo adiantar que a sensibilidade do homem dos séculos XV e XVI ao inexplicável bem como sua receptividade verdadeira aos ensinamentos herméticos libertadores causaram mais mal que bem. Então, pela redefinição radical do cristianismo durante a Reforma e a Contra-reforma do século XVI e XVII, a humanidade foi induzida a encarar os dois séculos precedentes como a mais elevada forma de devoção.

A partir do século XVII, os escritos herméticos foram oficialmente postos de lado. Os racionalistas do Iluminismo e o rígido protestantismo deram um fim à questão tratando-os como “superstição”, e até meados do século passado nenhum acadêmico queria queimar seus dedos ocupando-se desses neoplatônicos ou imitações anticristãs.

Contudo, o hermetismo nunca desapareceu. Com a alquimia, a astrologia e a magia, também desacreditadas, Hermes Trismegisto permaneceu, com o passar do tempo, uma baliza no caminho que conduz à filosofia libertadora. Sua presença no universo de Jacob Boehme, nas tradições da Rosacruz e da franco-maçonaria foi novamente trazida à luz por personalidades como H.P.Blavatsky e G.R.S. Mead.

Na realidade, os tratados herméticos somente podem ser compreendidos quando considerados como um testemunho das experiências do mundo do Espírito. Eles são relatos filosóficos que conduzem à compreensão da dualidade da existência humana. Em quatro tomos, *A arquignosis egípcia* de J. van Rijckenborgh¹ revela o acesso a esse conhecimento.

J. van Rijckenborgh chama de “a arquignosis egípcia” o testemunho espiritual, a plenitude de vida e a verdade que se expressam no *Corpus Hermeticum* e na *Tabula Smaragdina*. No início de nossa era, esses textos, transformados em livro durante o Helenismo, nos levaram de volta à história do antigo Egito. Desde aquela época, as experiências da verdade eterna eram invariavelmente registradas para que pudessem ser determinantes no modo como o ser humano tenta se aproximar do Espírito.

Como podemos, então, ver Hermes Trismegisto? Ele é o representante do conhecimento da verdade divina, a compreensão ofertada pela Gnosis. Como o mensageiro dos deuses e como Thot, deus da escrita e escriba da verdade, ele era e é o protótipo do homem que se abre ao conhecimento da verdade universal dos dois mundos: o mundo da matéria e o mundo do Espírito. E ele a encontra em si mesmo, e traz esse conhecimento à humanidade sob a forma de uma filosofia.

Esse tipo humano pode ser chamado de “três vezes grande” porque se aproxima da verdade com o coração, a cabeça e as mãos e, nesse sentido, se esforça por transmutá-la em uma religião, uma ciência e uma arte e, com base nelas, restabelecer nos homens o Espí-

rito, Pimandro. Semelhante tipo humano tenta vencer a si mesmo na força do Espírito original. Ele se transforma verdadeiramente em um “novo homem”, que ensina a seus semelhantes como seguir o mesmo caminho. Assim, Hermes Trismegisto era considerado, entre os alquimistas da Idade Média, como o exemplo de um autêntico alquimista que transmuta o chumbo da natureza em ouro do Espírito.

A *Tabula Smaragdina*, o coração da filosofia hermética, contém a chave da antiga obra alquímica: “Assim como é em cima, assim é embaixo”, o que pode ser interpretado como uma exigência feita ao homem de harmonizar aquilo que está embaixo – a natureza que segue os seus próprios caminhos – com aquilo que está em cima, o Espírito.

O mundo da natureza e o do homem estão desorganizados e já não são o reflexo da harmonia e da beleza do Espírito. Mediante um processo alquímico a antiga consciência natural recua, dando lugar a uma nova consciência, centrada no Espírito. A *Tabula Smaragdina* descreve esse processo como sendo o esforço de extrair o que é sutil daquilo que é grosseiro.

AS GRANDES QUESTÕES VITAIS

Os dezessete livros do *Corpus Hermeticum* vivificam o conhecimento da verdade, a Gnosis, por levantar grandes questões filosóficas que desde a origem preocupam o ser humano. Qual a relação existente entre espírito e natureza, entre alma e matéria? O homem pode conhecer Deus? E como isso é possível? O que é o bem, o que é o mal? Como são obtidas a libertação e a imortalidade?

Estas questões são abordadas sob a forma de diálogos, seja entre Piman-



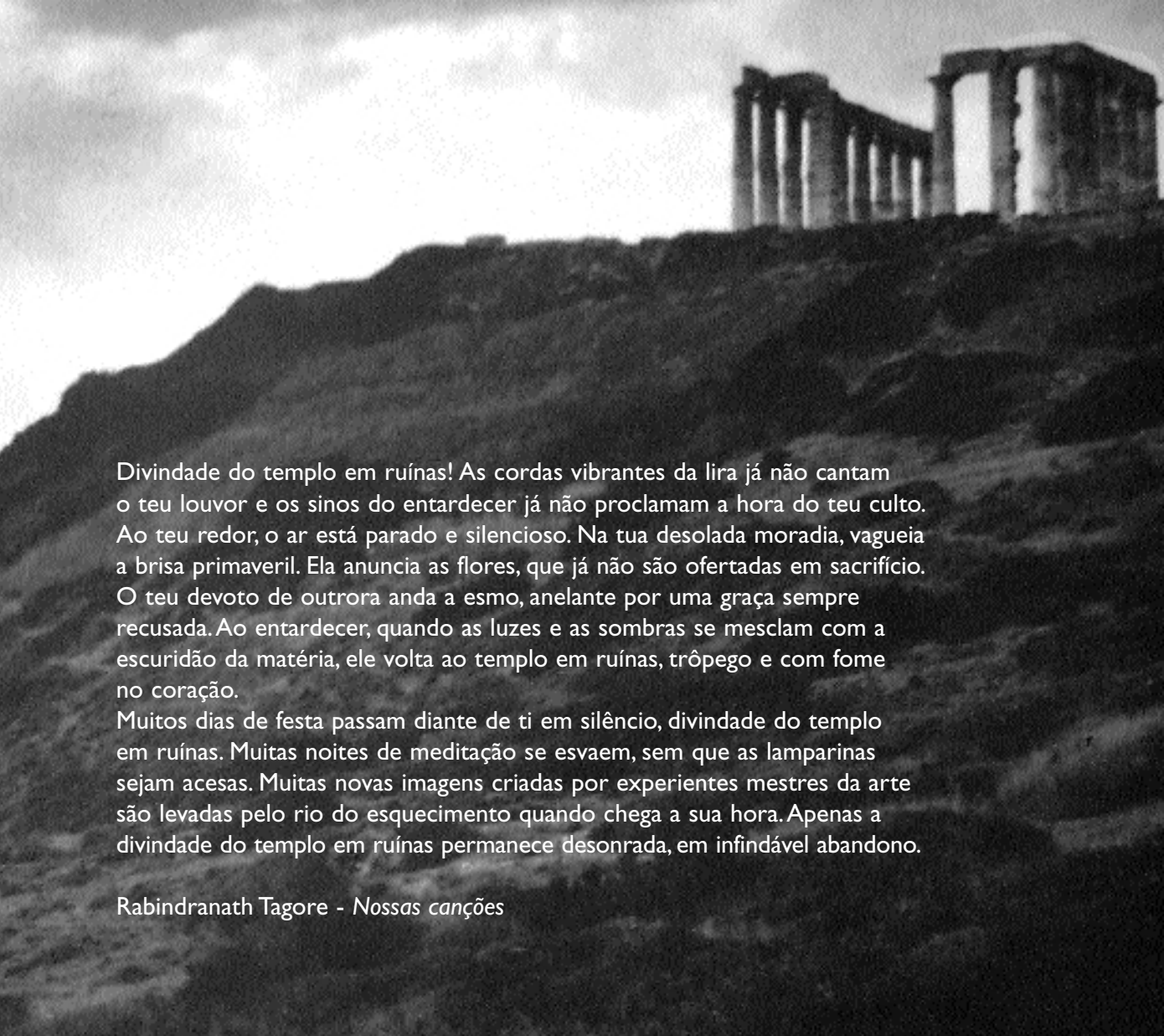
dro e Hermes, seja entre Hermes e Tat ou Asclépio. Aqui não se trata de pessoas, mas de forças espirituais e forças da alma no ser humano. A alma humana buscadora, Hermes, encontra o Espírito, Pimandro, e é por ele iluminada. A alma liberta, Hermes, transmite sua sabedora a Tat e a Asclépio, a vontade e o entendimento humanos reorientados.

A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA

No primeiro tomo de *A arquignosis egípcia*, J. van Rijckenborgh expli-

ca, com base nos dois primeiros livros do *Corpus Hermeticum*, qual é a condição fundamental do homem: ele se encontra ligado ao que é temporário, enquanto a eternidade é seu verdadeiro destino.

O segundo tomo esboça, com base nos livros III a IX, as condições do caminho de libertação e suas diferentes fases. É preciso ter uma visão clara do verdadeiro estado dos seres humanos, ou seja, sua ignorância de Deus em sua vida atual. Para se dar um fim à separação entre o homem e Deus, é necessária uma despedida, uma su-



Divindade do templo em ruínas! As cordas vibrantes da lira já não cantam o teu louvor e os sinos do entardecer já não proclamam a hora do teu culto. Ao teu redor, o ar está parado e silencioso. Na tua desolada moradia, vagueia a brisa primaveril. Ela anuncia as flores, que já não são ofertadas em sacrifício. O teu devoto de outrora anda a esmo, anelante por uma graça sempre recusada. Ao entardecer, quando as luzes e as sombras se mesclam com a escuridão da matéria, ele volta ao templo em ruínas, trôpego e com fome no coração.

Muitos dias de festa passam diante de ti em silêncio, divindade do templo em ruínas. Muitas noites de meditação se esvaem, sem que as lamparinas sejam acesas. Muitas novas imagens criadas por experientes mestres da arte são levadas pelo rio do esquecimento quando chega a sua hora. Apenas a divindade do templo em ruínas permanece desonrada, em infundável abandono.

Rabindranath Tagore - *Nossas canções*

pressão da ligação com as forças da natureza em favor das forças do Espírito. É dessa maneira que a causa da morte, o “contra-movimento” ou oposição aos impulsos do Espírito, é aniquilada e a imortalidade pela união com a Verdade eterna é obtida.

O autor descreve os obstáculos que se apresentam nesse caminho no terceiro tomo, com base nos livros X a XII: a confusão a respeito do bem e do mal, os efeitos da inteligência centrada nos interesses pessoais nos domínios políticos, sociais, culturais e religiosos, a tendência a desviar as

forças recebidas do mundo do Espírito em proveito próprio, o que equivale à traição ao Espírito.

O quarto tomo contém comentários aos livros XIII a XVII, onde são descritos os resultados do caminho de libertação. A verdade, o Espírito Santo, purifica o coração e a mente. Com essa purificação, as leis do carma perdem sua influência coercitiva. Surgem um novo pensar e uma nova consciência com os quais o homem aprende a reconhecer a verdade. O homem já não cria imagens da verdade, mas vive em concordância com ela. Para

suas explicações, J. van Rijckenborgh usou elementos tirados do pensamento gnóstico, tais como as idéias de Mani e do catarismo, e ligou-se estreitamente às idéias de Paracelso e de Jacob Boehme.

HERMES E A GNOSIS

Não nos surpreende o fato de as obras herméticas terem sido encontradas entre os manuscritos gnósticos de Nag Hammadi. Estes dois sistemas experimentaram seu maior florescimento no mesmo período, e a “gnosis” ou “nous” ocupa uma posição central em ambos. A diferença entre eles encontra-se em seu ponto central. A gnosis, por exemplo, no relato da Pistis Sophia, parte do ponto de vista humano, onde a ênfase é dada ao obstáculo representado pelo pensamento limitado, em constante luta. Já o hermetismo se expressa *como* “gnosis” ou “nous” nas pessoas de Hermes e Pimandro.

Em *Os discursos sobre a oitava e a nona esfera* de Nag Hammadi, essas duas esferas se encontram na sétima esfera que o candidato atravessa na última fase da iniciação. As sete esferas planetárias são, portanto, consideradas como um domínio restrito que o candidato atravessa antes de tornar-se um Homem-Alma-Espírito na oitava esfera.

Como conclusão, citaremos um trecho do quarto tomo de *A arquignosis egípcia*:

“Por isso, a verdade também poderá alcançar-vos, e vos alcançará, por intermédio de cabeças, corações e ações humanas, se estiverdes preparados para isso! Assim como da hierarquia da mentira emana uma radiação e um trabalho (para conduzir ao erro), assim também parte da hierarquia da

verdade uma radiação e uma obra.

Todos os que se abrirem para essa plenitude astral acolherão a verdade, pois esta não vem a vós somente pela palavra e pela escrita. Não, a verdade já é, há muito, um valor astral concentrado por homens e por eles colocado à disposição do gênero humano. Os séculos aí estão para confirmar isso. A história nos conta acerca de muitos homens reais-sacerdotais que nos trouxeram a verdade em palavra, ação e força.

...Os séculos varreram suas mensagens à humanidade. O inimigo deturpou seu conteúdo em muitos sentidos... Contudo... inutilmente! Pois a verdade vive. Ela é em todos os séculos e por todos os séculos... Compreendeis agora por que a epopéia de Hermes termina com o livro da verdade?”

1 Rijckenborgh, J.v., *A arquignosis egípcia*, t. IV, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1991.

O HOMEM QUE ESCUTAVA A PEDRA

“Ainda que Cristo nasça mil vezes em Belém e não em ti, estarás perdido”. Esta sentença foi tirada do Peregrino querubínico de Angelus Silesius, composto de seis livros de máximas, e é um chamado para o despertar interior.

Essas máximas descrevem a graça que cabe ao homem que se tornou consciente do divino nele. Porém, a graça não desce pura e simplesmente. É preciso fazer por merecê-la. Quando a graça do nascimento interior se manifesta, é porque ela foi longamente preparada por uma vida de anseio. Para muitas pessoas essa preparação se desenvolve sem grandes conflitos, porque elas vivem num certo equilíbrio e sempre dão o próximo passo necessário.

Para muitos outros, a vida é um combate desesperado. Um exemplo disso foi a vida do poeta alemão Rai-

ner Maria Rilke, que reconheceu seu próprio processo na luta interior do pintor francês Paul Cézanne. A tarefa de vida do pintor, incompreendida, pode resumir-se no seguinte: “Como expressar o que é a realidade da vida interior?”, ou ainda: “Como dar forma à mutável experiência de vida?” Tais foram as perguntas que o levaram ao desespero. Rilke descreve o modo como Cézanne pintava, aparentemente sem alegria, e como cada uma de suas obras era para ele objeto de um intenso conflito. O que Cézanne queria mostrar, ele não conseguia immortalizar na tela. Nenhuma de suas tentativas satisfazia suas exigências interiores. Ele desejava chegar a uma realização tal que o próprio objeto se revelasse com intensidade, deixando uma impressão inalterável, sim, indestrutível. Rilke observava profundamente o modo como Cézanne apren-

Rainer Maria Rilke nasceu em Praga, em 4 de dezembro de 1875. Sua poesia expressa de modo maravilhoso sua concepção de vida e sua busca espiritual. Entre 1899 e 1900, ele fez duas grandes viagens à Rússia onde, entre outros, encontrou Leon Tolstói. A alma mística da Rússia o faz conscientizar-se pela primeira vez da profunda essência de seu ser. Em 1920, ele escreveu: “Devo à Rússia o fato de ela me ter revelado o que sou; ela é a pátria interior de todos os meus instintos, de minha origem.” Os ecos poéticos dessas via-

gens nos são confiados em O livro das horas e em Histórias do bom Deus. Embora mais tarde ele negue suas criações da juventude por não corresponderem ainda a seu estado interior, nelas, contudo, encontram-se as pérolas de uma compreensão espiritual, como o testifica a passagem reproduzida acima, extraída de Histórias do bom Deus.

Rilke consagrou o segundo período de sua vida à descrição de sua visão apocalíptica dos novos tempos com os quais ele é confrontado, durante o período em que foi secretário de



dera a expressar o real com uma objetividade sempre maior, sem emitir julgamento de valores. “Observamos repetidamente a necessidade de ultrapassar o amor próprio. É muito natural gostar de cada coisa que fazemos. Mas quando gostamos das coisas, fazemo-las menos bem. Então, julgamo-las. [...] Pintamos ‘gosto disto’ no lugar de pintar ‘aqui está’, quando cada um deve pintar o que vê, e não o que gosta. [...] Essa concepção de obra impessoal na qual se revela um tão alto grau de pureza, ninguém, sem dúvida, expressa melhor que o velho Cézanne.”

O não julgamento das coisas elimina toda distinção entre o pintor e a pintura. Tal foi o combate levado a efeito por Cézanne: “A paisagem se pinta através de mim, e eu sou sua consciência”.

Rondannini Pietá. Michelangelo (1475-1564)

trabalhou 10 anos nessa escultura, até seis dias antes de sua morte, deixando-a inacabada. Ele se esforçou para atingir a perfeição na forma a fim de expressar os valores espirituais do Cristo em um bloco de mármore branco.

Auguste Rodin, em Paris, de 1906 a 1907. Daí surgiu a famosa frase: “A paciência tudo vence”. Em 1911 ele faz uma longa viagem até o Egito. Em 1922, instala-se na Suíça a convite de um mecenas após uma conferência que fez em Zurique, tendo por objetivo escapar do período convulso do pós-guerra. Ali, trabalha na redação de Elegias de Duíno. A seguir, depara-se com o difícil problema de encontrar um alojamento conveniente e acessível. Permanece algum tempo em Soglio, em Locarno e Berg am Irchel. É apenas no

verão de 1921 que encontra asilo definitivo no Castelo de Muzot, próximo de Sierre, em Valais, graças ao fato de seu mecenas Werner Reinhart (1884-1951) ter adquirido o castelo oferecendo-lhe hospedagem gratuita.

Começa então um período muito produtivo; em poucas semanas ele termina a redação de Elegias de Duíno. Em seguida, ele compõe os dois ciclos de Sonetos a Orfeu, considerados como a apoteose de seu gênio poético.

A partir de 1923, Rilke tem de enfrentar graves problemas de saúde que o obrigam a

A busca do insólito através do trivial conduziu Rilke a um choque de reconhecimento, que provocou uma mudança em suas próprias poesias. Ele reconheceu na pintura de Cézanne o que ela tem de revolucionário, confirmando sua própria criação. Ele se conscientizou de que poderia ter uma visão diferente do mundo, engajando-a numa “renovação” fundamental do lirismo. Seus escritos da época dão testemunho dessa renovação criativa e de sua fé nos poderes transfiguradores da poesia: eles estão reunidos na obra intitulada *Novos poemas* (1907-1908). Novos porque ele já não se deixava inspirar por sua fantasia subjetiva.

Semelhante desenvolvimento pode ser comparado a um caminho de terra que é preciso aplainar e tornar transitável para que ele nos conduza ao objetivo. É assim que Rilke conta a história do “homem que escutava a pedra”. Esse homem era Michelangelo, que, com suas mãos, desbastava a pedra bruta liberando de sua ganga a sublime imagem que nela se ocultava. Michelangelo também teria ouvido a pedra sussurrar:

*“Michelangelo”, disse Deus,
“o que se encontra na pedra?”
Michelangelo sobressaltou-se,
suas mãos tremiam.
E ele respondeu tão suavemente
quanto podia:
“Tu, meu Deus.
Quem mais poderia ser?
Mas eu não posso chegar até ti.”
Então, o Espírito experimentou
que também estava na pedra
e sentiu-se inquieto e sufocado.
O céu inteiro
era somente uma pedra,
e Ele estava encerrado nela,
e esperava
pelas mãos de Michelangelo
que o libertariam.
E Ele as ouviu chegando,
mas elas ainda estavam longe.”*

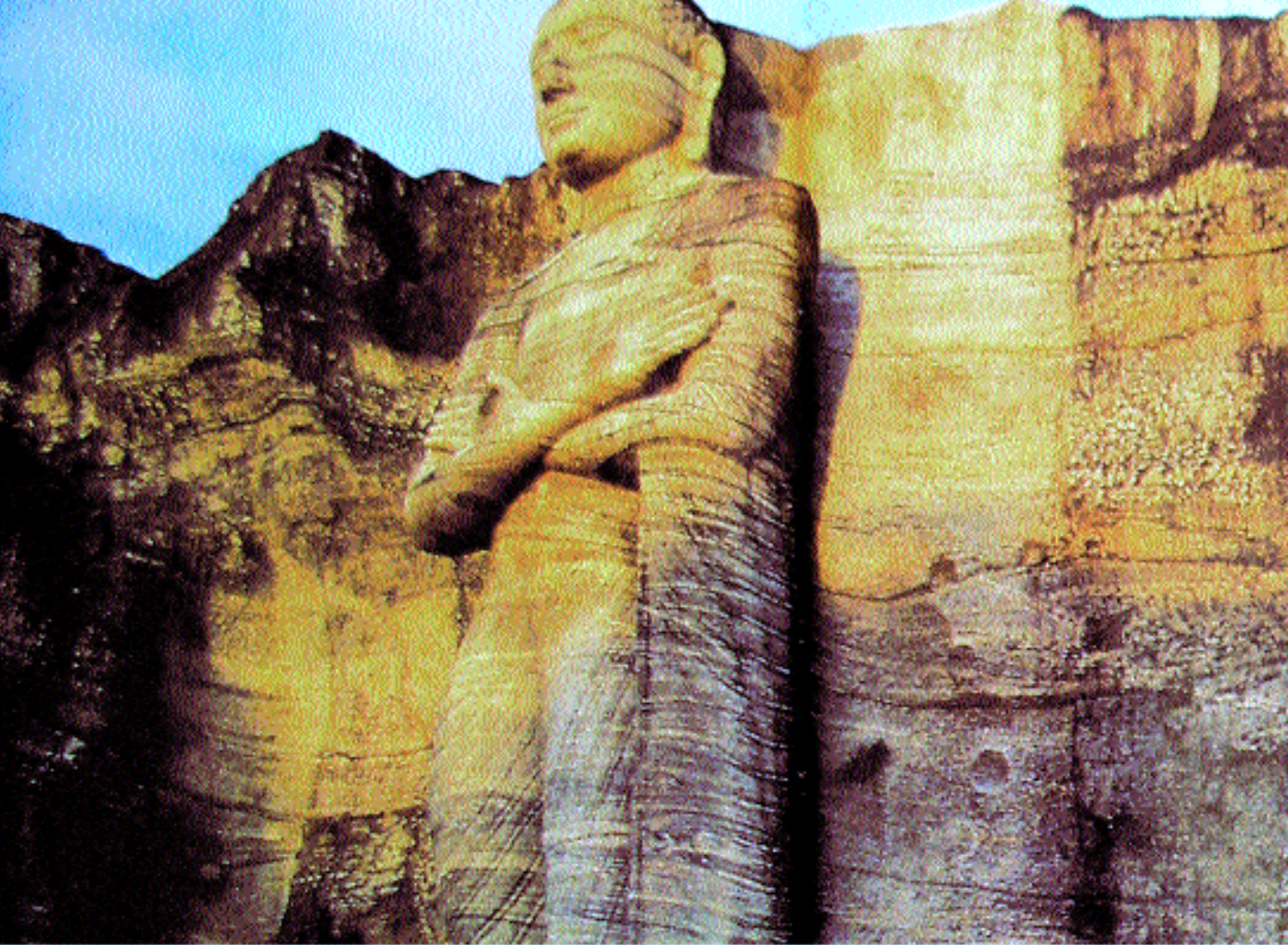
Quando o escultor começou a “libertar Deus da pedra” ele ouviu uma voz lhe perguntar: “Michelangelo, o que está em ti?” Michelangelo parou, descansou sua fronte sobre as mãos, e disse: “Tu, meu Deus, quem mais poderia ser?”

ficar por um bom tempo num sanatório. Suas longas permanências em Paris eram já uma tentativa de escapar da doença, mudando de lugares e condições de vida. Nos últimos anos, de 1923 a 1926, ele compõe quatro coletâneas de poesia em francês, numa linguagem um tanto incerta e bem menos deleitosa.

As Elegias de Duino cantam um caminho espiritual, em imagens bastante enigmáticas. A quê leva o encontro com os “anjos” que representam a grande lei do ser, tão assustadora para o pequeno eu? Em Sonetos a

Orfeu, Rilke faz ouvir as novas vozes que ressoam em seu interior.

Sua vida inteira foi um combate para libertar-se dos clichês e imagens convencionais impostos pelo eu presunçoso; ele esforçou-se igualmente para entregar-se a uma realidade superior. Está claro que nele estava ativa uma centelha divina que queria corporificar-se em sua vida e em sua obra. Para Rilke foi possível “ouvir”, em seu interior, as conso-nâncias divinas e “glorificar” o elevado Ser sem “expressar” suas próprias concepções.



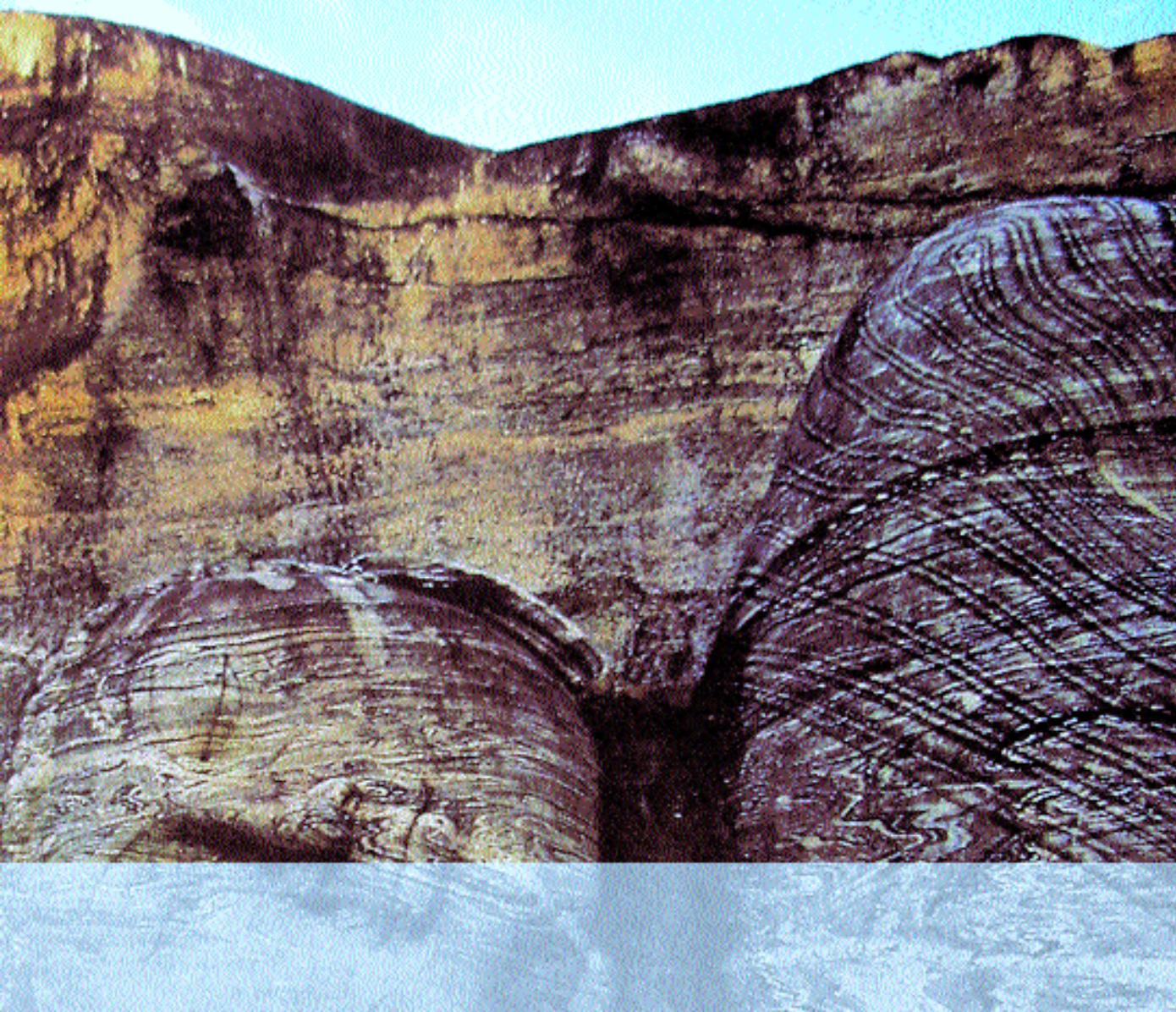
O HOMEM NATURAL E O HOMEM ESPIRITUAL

Segundo uma alocução de Z.W. Leene

Para compreender o que é a sabedoria, é bom refletirmos sobre a diferença entre o homem natural e o homem espiritual. Não é fácil distinguir um do outro. A maioria das pessoas pensa que o homem natural se ocupa com o que é terreno, enquanto o homem espiritual se ocupa com a natureza superior, supra-sensível. É possível que exista aí um erro de raciocínio. A lei de criação à qual o ser humano terreno está submetido é a lei da autoconservação, e assim deve ser para que ele continue existindo.

O conceito rosacruz do cosmo¹ é muito claro em relação ao fundamento de nossa autoconservação, que foi estabelecido em eras pré-históricas, quando o impulso natural regia a vida. A inocência, a perseverança livre de culpa da criatura natural, mostra ser, por-

tanto, a base para a construção da ordem do mundo espiritual. Portanto, o homem não pode ser recriminado pela persistência do instinto de conservação, pois ele pertence à natureza e não possui qualquer conhecimento relativo a um mundo espiritual.




Mas quando, neste mundo, os homens se tornam conscientes de um alvo de vida superior, o instinto egocêntrico natural se torna um fardo que deve ser removido. Esses homens são, então, chamados por sua verdadeira natureza, a transformar todos os seus instintos naturais egocêntricos em impulso espiritual teocêntrico. E aí usamos uma palavra um tanto antiquada: “conversão”, ou “reversão”. Aqui, vamos de encontro ao erro de raciocínio da maioria da humanidade, que não quer se apartar da autoconservação, não deseja por princípio romper com ela. Então, vemo-la de-

envolver uma exacerbação do instinto de auto-conservação, que se torna, assim, mais intenso e se volta, então, para o mundo supra-sensível.

Verificamos freqüentemente que já não se consegue fazer nenhuma distinção entre o homem natural e o homem espiritual. Quando o ser humano se põe a viver conscientemente segundo seu impulso natural, ele se volta, de fato, contra seu núcleo divino, e todo o seu saber se torna uma maldição. Desse modo, a porta da sabedoria fecha-se inexoravelmente. Essa é a característica dos tempos atuais.

Vemos, também, que a autêntica

Polonnaruwa,
Sri Lanka, cerca
de 1150. Buda
em pé e deitado
(14,5 m de altura).



compreensão interior existe apenas em algumas pessoas. A maioria passa seu tempo numa luta desesperada para ser feliz, para alcançar uma felicidade aparente. O homem da natureza diz: comamos, bebamos e alegremo-nos, pois amanhã morreremos! Porém, aquele que busca por outros alimentos que não os nobres e elevados, pode se alimentar por anos a fio sem se tornar com isso uma pessoa espiritualmente orientada. Ele permanece um homem da natureza, desprovido do mais elementar entendimento interior. Os gritos festivos e a euforia do saber são as premissas da decadência.


Como alcançamos a verdadeira compreensão interior? Certamente não mediante a prática de exercícios ocultistas, pois neste caso criamos uma imagem deformada daquilo que ainda não possuímos e que, portanto, não compreendemos. Desse modo desenvolvemos uma perigosa disposição para a magia negra. Tudo isso nada mais é que instinto de conservação, do qual a verdadeira sabedoria permanece muito distante. E se fôsseis sensitivo e clarividente, então poderíamos dizer que tendes acesso a um outro mundo, do qual nada entendeis! Não há nenhuma satisfação na percepção de um outro mundo quando essa percepção vos induz ao erro e continuais sendo um ser humano desta natureza.

Contudo, temos um intenso anseio por uma compreensão nova e correta, afastada do intelecto. Não podemos alcançar algo mediante esforço contínuo, temos – para tudo – de compreender as coisas que *são*. Não temos de agarrar as coisas que estão além de nossa compreensão intelectual, por-

que ficaremos exauridos desviando-nos de nosso objetivo. Não importa se queremos agarrar o conhecimento oculto ou a satisfação material – é o mesmo alimento! Por isso continuamos famintos, porque faltam-nos o reconhecimento da verdade e a verdadeira sabedoria.

Porém, para aqueles que compreenderam, existe uma comunhão com Deus, que para os homens corresponde ao céu. Essa comunhão tem início após a reversão de nossa aspiração. Então, primeiramente aprendemos a conhecer o espírito de Deus como um sentimento de auto-recriminação. Depois, sentimo-nos julgados a cada instante ou a cada um de nossos atos e pensamentos. Nesse ponto, todo conhecimento livresco e sonho místico cessam. Percebemos, então, nosso verdadeiro ser ligado à natureza. Desse modo, o espírito de Deus pode se tornar um julgamento do homem natural.

Existe uma grande diferença entre o aspirante que não quer omitir nenhuma letra e o verdadeiro homem espiritual. Reconhecer essa diferença é condição para obter a compreensão interior. O homem espiritual não busca nenhum desenvolvimento supra-sensível. Ele é um homem inquieto que sabe que o natural não pode herdar o reino de Deus, muito embora a natureza esteja a serviço do espírito. O combatente espiritual sincero conhece o espiritual-divino e, para ele, o espiritual-pessoal é secundário. Não é a própria vontade que o move, mas sim a vontade absoluta. Por isso seu pensamento se eleva acima das limitações da existência material. Em outras pala-



vras: um homem verdadeiramente espiritual jamais permanece preso a uma opinião, que é uma gaiola, pois ele contemplou a verdade e a experimentou! É impossível que um impulso natural seja considerado uma vontade divino-espiritual, porque ele está sempre sujeito a uma opinião.

O verdadeiro homem espiritual, que eu chamaria de “homem convertido”, não começa pela observação de regras de uma instituição, organização ou igreja, mas por aquilo que ressalta nos obstáculos que impedem a compreensão interior. Ele não começa por sondar essa ou aquela questão espiritual, mas com a observação de seu próprio problema. Então ele se corrige. E quanto mais empecilhos ele descobre, mais ele os remove. Quanto mais os limpa, mas se abre para o impulso do espiritual-divino. Por isso ele ansiará pela compreensão interior e a receberá, e essa corrente de sabedoria se tornará cada vez mais forte à medida que ele corrigir a si mesmo. Essa corrente de sabedoria que amplia sua compreensão progride paralelamente com o esforço consagrado à purificação interior. Não se trata de uma luta em direção ao superior, mas de uma sublimação do inferior.

Aquele que conhece esse caminho sabe que a compreensão interior se torna seu quinhão. Mas se ele aspirar por mil anos e esquecer o caminho simples desse desenvolvimento, então ele pode *continuar* aspirando! Se mantivermos o estado de homem natural, então a ele permaneceremos sujeitos. Porém, se mantivermos o aspecto espiritual no tempo, seremos então mais que vitoriosos!

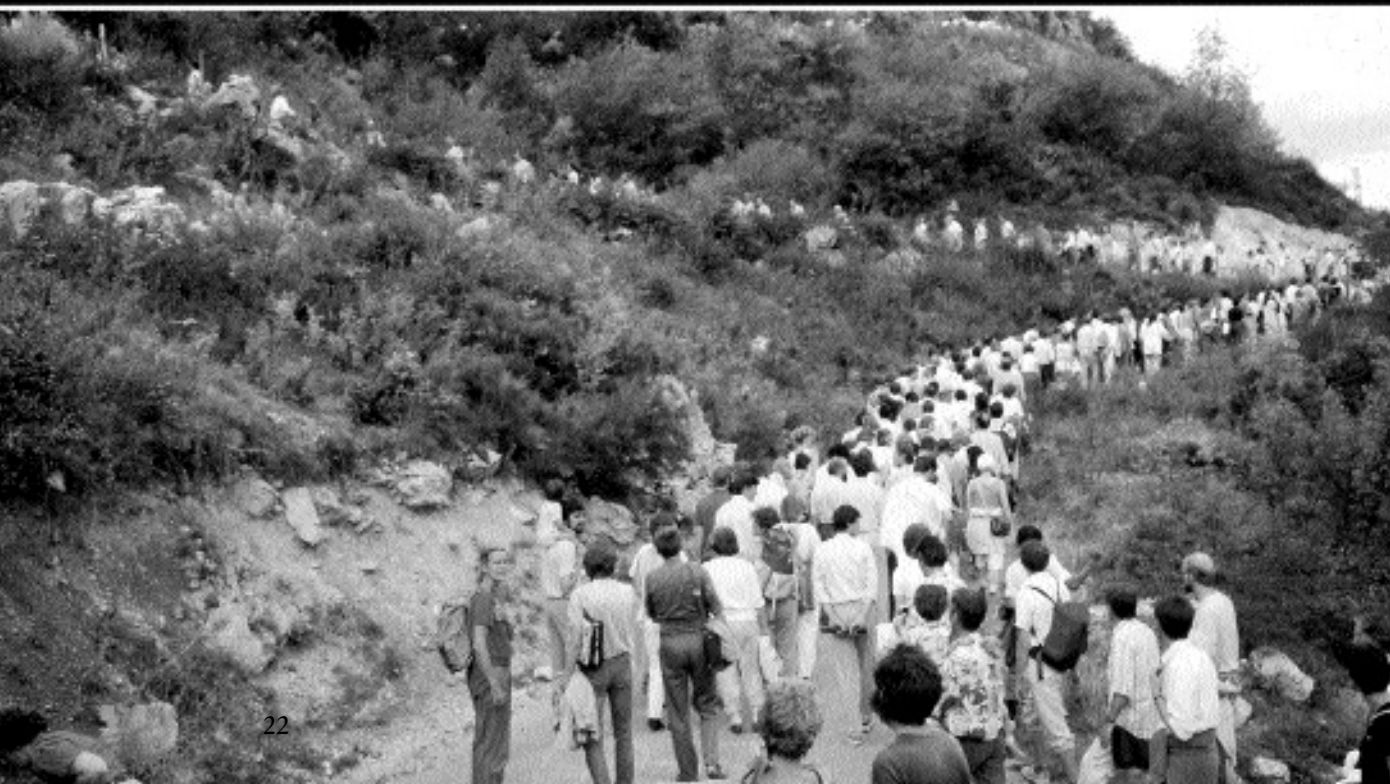
O caminho do homem espiritual leva infalivelmente a Cristo, que é o vitorioso e é chamado “Mestre da sabedoria”. Ele é a força-motriz que pode levar o homem espiritual ao longo do caminho da experiência. Ninguém pode satisfazer nosso desejo por sabedoria, pois ela já se encontra em nós. Porque há dois mil anos ela foi novamente escrita, cantada, anunciada com força e com doçura, e seu único objetivo é apenas indicar a fonte da qual devemos todos beber, desde o homem primitivo até o santo.

Saberemos tudo disso quando tivermos realizado em nós a compreensão da sabedoria, e também seremos impulsionados a partilhar com outros a nossa alegria espiritual. Porém, não nos esqueçamos de que também existe uma propensão natural, o impulso da natureza, que é geralmente mais forte que o impulso “espiritual”.

Devemos descobrir se o espírito que nos estimula é puro, divino! Devemos pesquisar se esse renascimento provém do espírito da verdade! Aquele que renasceu do Espírito é respeitoso e silencioso diante do sagrado que irrompeu em sua vida. O homem espiritual está munido de um entendimento claro, comovido em amorosa disposição e pelo sofrimento do mundo. Todas as circunstâncias na natureza, toda a sua vida, tornam-se um reflexo desse processo que – no espírito – nele se realiza. E as palavras da verdade estarão em seus lábios, enquanto a alegria do coração irradiará de seu olhar.

1 Heindel, M., *O conceito rosacruz do cosmos*,
2. ed. São Paulo: Fraternidade Rosacruz, 1977.

A UNIDADE DOS PEREGRINOS NA SENDA



*Leva por volta de uma hora e meia para que mil pessoas passem, uma a uma, pela porta estreita de Lombri-
ves, nos Pirineus, a grande igreja dos
cátaros. Quando todos estão na imen-
sa gruta, as luzes se apagam e todos
ficam, por um tempo, no silêncio e na
escuridão. No interior dessa montan-
ha, o silêncio e a escuridão são inten-
sos. Os olhos e os ouvidos, sempre em
movimento, mesmo durante o sono,
encontram ali uma maneira especial
de descansar. O tempo parece suspen-
so. O passado, o presente e o futuro
fundem-se no nível da alma, e, nessa
fusão, sentimos algo muito especial.*

Com efeito, experimentamos a sen-
sação de unidade de todos os que per-
correram, percorrem e percorrerão a
senda da Gnosis. Semanas mais tarde,
na vida cotidiana, basta cerrarmos os
olhos e lembrar-nos disso para sentir
novamente a unidade de Lombri-
ves, a unidade dos peregrinos que estão na
senda.

Essa unidade não existe apenas no
sul da França, mas em toda parte, aci-
ma de todos. Ela não está limitada a
um lugar. Ela é como uma luz radian-
te e uma profunda escuridão que os
buscadores não percebem com os
olhos. Ela é silêncio e som. Porém, os
buscadores não a percebem com os
ouvidos, pois ela vibra através de
todo o seu sistema. Essa unidade
existe além do espaço e tempo, agora
e sempre!

*Extingue meus olhos:
posso ver-te;
cerra meus ouvidos:
posso ouvir-te;
e sem pés posso ir a ti,
e mesmo sem boca posso implorar-te.
Arranca meus braços, e eu te envolverei
com meu coração como que com a
mão;
para também meu coração e meu
cérebro baterá;
acende teu fogo em meu cérebro,
então te levarei em meu sangue.*

Rainer Maria Rilke (1875-1926)

ELE, QUE NOS CONDUZ ATÉ O CIMO

*Sem cessar, por inumeráveis
caminhos,
voltei para ti meus sentidos.
Acredito em tua imagem e suspeito
que seu desassossego é finalmente
sorte.*

*Sempre de novo buscamos o uno,
que não afeta muitos:
que ele apareça diante de nós
e nos conduza para o cume.*

*Um dia chegaremos lá,
onde a terra se perde no sol...
Então, poderá a forma – nós – se
aniquilar,
e nos tornaremos o que somos.*

Christian Morgenstern (1871-1914)

FONTES:

Rilke, R. M., *Das Buch von der
Pilgerschaft*, 1905

Morgenstern, C., *Melancholie*.

MANI, O DOM DA LUZ

Simpósio sobre Mani, realizado em 7 de maio de 2005 em Renova, Bilthoven, Holanda.

*Toma a tua cruz.
Despoja-te do mundo.
Liberta-te dos laços do sangue.
Submete o velho homem.
Erige o novo homem.
Cumpra a sagrada lei.
Dá espaço para
a pomba com níveas asas.
Não coloques nenhuma
serpente a seu lado [...]
Alegrem-se, meus amados.*

Aqueles que pressentem a existência de uma verdade profunda subjacente em tudo que existe reconhecem em Mani um mensageiro e um propagador da verdade divina. Em 1938, J. van Rijckenborgh, falando extensamente sobre o ensinamento de Mani, declarou o seguinte: “Esse ensinamento corresponde perfeitamente à finalidade e à essência do cristianismo ensinado pelos rosacruz através dos séculos. Por conseguinte, Mani é uma de suas principais fontes de inspiração”.

As palavras de abertura foram tiradas de um simpósio anterior: “Viermos aqui para experimentar, para vivenciar algo autêntico, para inalar o perfume da verdade vivente, que emana da única fonte original. Não se trata de um processo racional, de algo que pode ser ponderado, mas de algo sempre novo, cintilante e inesperado. Desse perfume, Mani fala em seus hinos:

*Cheguei à porta do jardim dos vivos,
o perfume das árvores espalhou-se
sobre mim.*

*E:
As margens do Eufrates
sentava-se um jovem
e tocava música,
rodeado do perfume da vida.*

ESSA É A PRÓPRIA RADIAÇÃO DA VIDA
AUTÊNTICA.

Desde a juventude, por volta dos doze anos, Mani sabia-se envolvido por esse perfume. Seu companheiro divino, que ele designa como o Paracleto, aparece-lhe:

“Quando meu corpo se desenvolveu, surgiu diante de minha face, de modo totalmente inesperado, um reflexo esplêndido e magnífico de mim mesmo. [...] Então o Paracleto revelou-me tudo o que era, tudo o que será, tudo o que o olho vê, o que o ouvido ouve, e tudo o que o pensamento pensa. Por meio dele eu aprendi tudo, eu vi o Todo, tornei-me um só corpo e um só espírito.”

Essas são palavras que contêm uma promessa, uma visão de uma outra vida, de uma vida mais elevada, uma consolação para todos aqueles que sabem que há algo mais e que aspiram profundamente. Essa nostalgia ecoa claramente nas palavras de Mani. Mani significa “pérola de luz”, a semente divina no coração humano, ou como a denomina Mani: a sublime rosa do Pai.



Os rosacruzistas também falam da rosa do coração que deve ser libertada de seu cativeiro para novamente desabrochar em plenitude. “Acendei vossas lâmpadas”, diz Mani, “e desliguemo-nos prontamente das cadeias do corpo, a fim de libertar o novo homem”.

O EVANGELHO DE MANI

J. van Oort, co-autor da obra consagrada ao *Codex Manichaicus Coloniensis* (o códice maniqueu de Colônia), fez a primeira alocução intitulada *O Evangelho de Mani*:

“Mani nasceu em 216, próximo da atual Bagdá. Não há nada de certo sobre o nome de ‘Mani’. Segundo o códice de Colônia, ele teria crescido em um tipo de comunidade judaica,

comparável à dos essênios de Qumran, no mar Morto, que reconhecia Jesus como o Messias, o Salvador (*soter*), portanto uma comunidade cristã-judaica. Eles sustentavam a idéia de que Deus é a causa de tudo, inclusive do mal, asserção contra a qual o jovem Mani se tornou cada vez mais resistente. Ele se libertou desse meio estrito de ritos exteriores, de purificações e abluções, em que muitas punições eram aplicadas.” Segundo van Oort, o códice nos deixa ver como a gnosis maniqueia se desenvolveu a partir do chamado do ser divino do homem Mani.

Mani fala de seu “gêmeo celeste”, sua “sizígia”, seu verdadeiro ser, do qual diz: “Eu o reconheci e compreendi que ele era meu verdadeiro eu, do qual fui separado”. A filosofia gnósti-

Miniatura persa representando o símbolo universal: o portador da Luz vence o dragão.

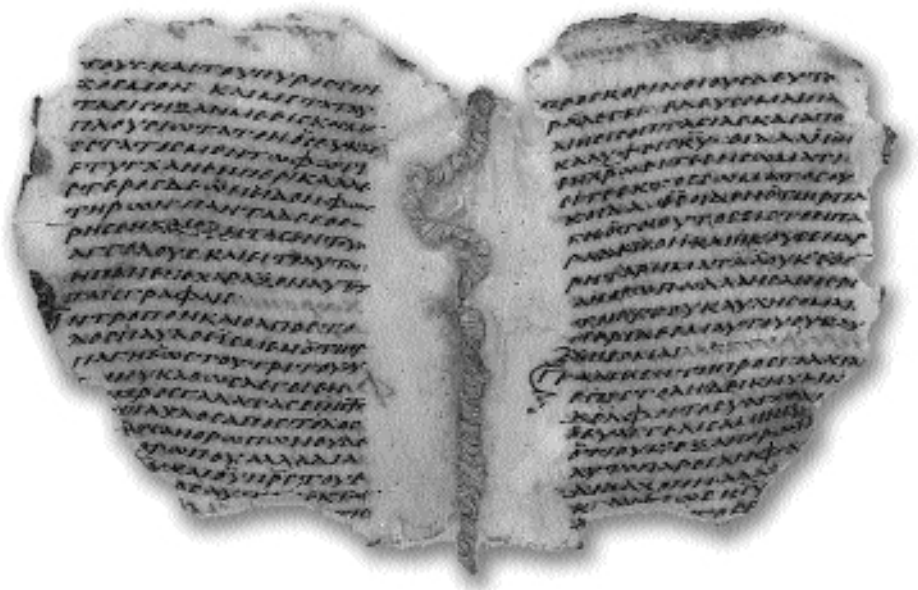
ca de Mani traça um caminho que conduz à compreensão do mistério do bem e do mal, compreensão que vai muito além de um simples dualismo. A doutrina de Mani associa estreitamente o conhecimento de si e o conhecimento de Deus. Nela descobrimos paralelos surpreendentes entre o maniqueísmo e o islã, pelo menos com o Corão. Nela encontramos um importante elemento gnóstico, como em tantas outras fontes, tais como o judaísmo e o cristianismo. São evidentes as relações entre o “companheiro divino” ou “irmão gêmeo” de Mani (sizígia), o “Gabriel” de Maomé e o “Cristo” eterno.

“Meu filho, através de todos os profetas eu esperei que tu viesses para que eu repousasse em ti. Porque tu és o meu lugar de repouso, tu és meu primogênito, meu filho que reina até a eternidade.” Esse fragmento essencial e penetrante do Evangelho dos Hebreus testifica de modo surpreendente que as correntes “heréticas” são

também testemunhas do cristianismo judaico original, assim como são também os evangelhos canônicos, e particularmente o Evangelho de João.

Por ocasião de seu batismo no Jordão, Jesus tornou-se o filho de Deus: Ele se tornou consciente de seu chamado como o Cristo: “Tu és meu filho, hoje eu te gerei”. Este chamado interior à evolução da consciência é também encontrado no Evangelho de Judas, recentemente descoberto: “E assim que eu (Jesus) fui batizado, eis que uma nuvem luminosa me rodeou [...] e saindo da nuvem ouvi uma voz ressoar: Ó Alógenes (um ser diferente dos outros, um estrangeiro no mundo transitório, o homem espiritual, neste caso, Jesus), Ó Alógenes/Jesus, a voz de tua prece foi ouvida e eu (o Cristo celeste) te fui enviado”.

Em seu batismo, Jesus se tornou consciente de sua real vocação quando o Cristo desceu sobre ele: sua imagem eterna, sua “sizígia” imperecível. O Cristo eterno desceu sobre Adão,



Duas páginas
extraídas do
manuscrito maquineu
de Colônia, ampliadas
(o original mede
3,5 X 4,5 cm), em
caligrafia fina e letras
maiúsculas gregas.

imagem original e arquetípica do homem, segundo Mani. Ele é o mesmo que Seth, Enoque, Noé... Mas é a *plenitude* do Espírito Santo que se derrama sobre Jesus.

Essa era a concepção de Mani, que se intitulava “apóstolo de Jesus Cristo”. No códice maniqueu de Colônia, ele declara: “Eu, Mani, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, o Pai da Verdade, de quem nasci, que vive e mora na eternidade onde ele era antes de todas as coisas e continuará a ser depois de todas as coisas. O que foi, e será, existe mediante seu poder. Dele eu nasci. Eu sou por sua vontade. Por ele toda a sua verdade me foi revelada, e eu procedo de sua verdade. O que ele me revelou, eu vi: a verdade eterna [...] que Deus me revelou eu explico àqueles que aspiram à verdade”.

Mani caminha nas pegadas de Jesus. Seu evangelho deve ser realizado *interiormente*, pois se trata do encontro com o Cristo interno, o verdadeiro eu, após o que chega-se à verdadeira compreensão, ao “conhecimento” ou “gnosis”. Ou, tal como Paulo, cujas palavras Mani repete: “E já não vive meu ‘velho eu’, meu ego, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2,20).

O maniqueísmo se estendia do oceano Atlântico ao oceano Pacífico; ele foi uma igreja cristã gnóstica mundial com milhões de fiéis, uma eclesía ligada ao campo de manifestação do Cristo universal que atuava por meio dele. Assim, Maomé, em mais de um aspecto, foi a última testemunha da teologia cristã primitiva, tendo o islã oferecido dela uma perspectiva otimista e conservado a idéia do eterno retorno do verdadeiro profeta da tra-

dição cristã, na qual Jesus, entre todos os profetas, teria sido o mais importante. Se a universalidade do Cristo tivesse sido compreendida, muitas concepções religiosas se uniriam e um grande número de antagonismos religiosos seria transposto.

O CÓDICE MANIQUEU DE COLÔNIA E O EVANGELHO DE JUDAS

Após essa alocução que trata dos fundamentos gnóstico-cristãos do maniqueísmo, o professor Quispel tomou a palavra para apresentar o livro escrito por ele e Van Oort, intitulado *O códice maniqueu de Colônia*. Esse manuscrito foi encontrado no Egito em 1969. O local exato da descoberta não é certo. Adquirido em antiquários no Cairo, ele era de dimensões tais que não passava de 3,5 por 4,5 centímetros. De fato, Van Oort diz que se tratava de uma “massa confusa” de pergaminho muito feia adquirida pela universidade de Colônia, daí o nome *Codex Manichaicus Coloniensis*. Esse livro minúsculo, cuja antigüidade não deixa nenhuma dúvida, data do final do século IV e consta de aproximadamente 192 páginas escritas em maiúsculas gregas. As pequenas folhas de pergaminho estavam coladas umas às outras. As letras mediam menos de um milímetro!

Esse manuscrito relata a história da vida de Mani que, no terceiro século depois de Cristo, colocou os fundamentos de uma religião gnóstica mundial. A primeira frase da obra é: “Do nascimento do seu corpo” que pode ser interpretado como “o nascimento e o desenvolvimento de um corpo gnóstico”, de uma eclesía maniqueia.

Ele descreve o nascimento de Mani, seus anos de juventude e sua primeira viagem missionária.

“O futuro, caros ouvintes, é gnosticamente colorido.” Com esse gracejo o professor Quispel começou sua alocução, breve, porém concisa. Após ter retido nossa atenção por algum tempo sobre o *Evangelho de Tomé* e sobre a edição de dois volumes de um *Dicionário de gnosis e esoterismo ocidental*, ele começou a falar sobre o maniqueísmo. Este não foi a religião de um povo, como o judaísmo ou o hinduísmo, disse ele, mas uma *religião mundial*, como o budismo. Nenhuma religião é tão simples: o Espírito liberta a alma da matéria. Essa religião cristã, sem divisão, que durou mil anos, era gnóstica – a Gnosis é uma religião mundial – tal como vemos no *Codex Manichaicus Coloniensis*. Em todo ser humano vive uma centelha divina que deve ser salva “a fim de que a ferida da queda se feche e Deus cure novamente”. Para a Gnosis, para os gnósticos, Deus é o *ser em movimento*. Em seguida, o professor Quispel traçou uma relação entre o manuscrito de Colônia e o Evangelho apócrifo de Judas, onde também é falado de Seth Alógenes (Seth, filho de Adão e arquétipo do homem espiritual).

“Mas parece que aqui se trata de Seth Alógenes e da descrição de sua ascensão enquanto ele é envolvido por uma nuvem luminosa. Da mesma forma, segundo a Bíblia, Moisés subiu o Sinai até as ‘trevas’ onde Deus se encontrava. Como iniciado e arquétipo do místico, Moisés se eleva acima do tempo e do espaço e, então, na noite dos sentidos e na noite da alma, ele vivencia Deus.”

Este foi o tema principal da mística cristã posterior: pelo nosso arrependimento, elevamo-nos acima do querer e pensar para reunir-nos ao Uno. As comparações estabelecidas por Quispel são surpreendentes e oferecem uma boa compreensão das raízes profundas e insuspeitas de nossa civilização cristã. Ele conclui: “Para nós, homens da pós-modernidade, não é algo extraordinário o fato de o ateísmo ser um gigantesco golpe de espada no ar e que o homem de barba já não possa convencer-nos. Mas não existiria, efetivamente, alguma coisa que seria a origem de tudo e que daria sentido à nossa existência?”

O MILAGRE MANIQUEU

François Favre é o autor de um livro sobre Mani, abundantemente documentado, intitulado *Mani, Cristo do Oriente, Buda do Ocidente*. Sua contribuição para o simpósio foi traduzida para o holandês de forma precisa pela senhora Y. de Vries, tendo por título: *O milagre maniqueu*.

É um vasto panorama que se abre, dramático e inspirador, trágico e luminoso. Por um lado, o aspecto interior, esotérico, do ensinamento de Mani, sua cosmologia onde luz e trevas, o divino e o mal, são radicalmente separados um do outro. Um mito comovente que fala do homem material submetido à ação dos poderes das trevas, da oferenda da luz e sua alquimia na matéria, da libertação da alma de luz, uma alquimia interior representada por símbolos, linguagem figurada e palavras.

Por outro lado, a disseminação do maniqueísmo por numerosos países e



sua terrível perseguição. A grande vitalidade da igreja de Mani é surpreendente, uma força que, a despeito das ferozes oposições, repressões e opressões das várias ortodoxias (o bloco dos sacerdotes cristãos, budistas, taoístas...) expandiu-se durante mil anos e soube trazer a inumeráveis almas a alegria eterna da Luz do Cristo universal. Passado grandioso que se revela ainda em nossos dias, porque a força espiritual à qual a igreja mundial de Mani deu forma não se perdeu e não pode ser exterminada!

Para aquele que é receptível a ela levanta-se a cruz de luz: Mani, apóstolo de Jesus, *soter*, salvador, alma de luz, alma do mundo.

A MISTURA DA MATÉRIA E DA LUZ

A última alocução desse dia inspirador iniciou-se com as seguintes pala-

avras: “*Eu, Mani, apóstolo de Jesus Cristo, [...] esta verdade eu a revelei aos meus peregrinos*”. O orador, sr. R. Goud, enfatizou que todos os gnósticos bebem da mesma e única fonte. Contudo, o que se manifesta em símbolos depois do nascimento da alma, eles traduzem em palavras e em imagens compreensíveis para a época em que levam a cabo o seu trabalho. Os gnósticos possuem, por assim dizer, um fio condutor interior que lhes permite reconhecer e sentir a atualidade do ensinamento de Mani.

O que é característico para o gnóstico é o dualismo tanto do homem como da criação, bem como o significado dado a Cristo. No ensinamento de Mani, a criação é por sua vez luz e matéria, ou trevas, princípios absolutamente separados um do outro; é preciso notar que a matéria (*hylé*) é consciente e dispõe de uma inteligência.

Irmãos maniqueus.
China, século X
d.C.

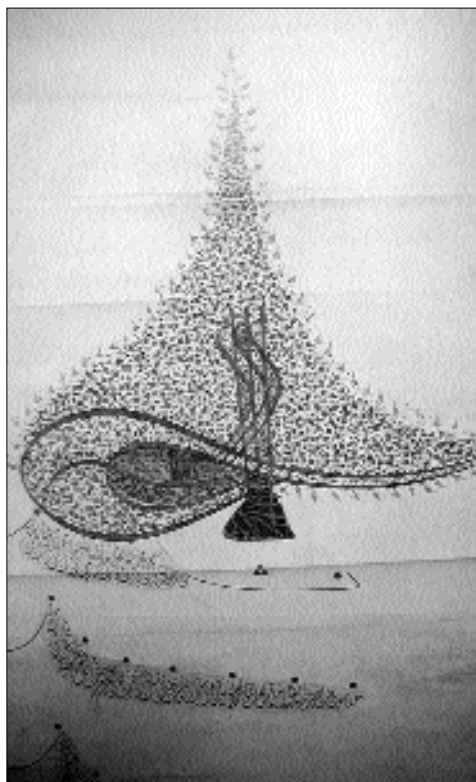
Na cosmologia de Mani, o reino da luz é representado pela árvore da vida e o reino das trevas pela árvore do mal.

Mani afirma que a luz e a matéria estão misturadas. Por que? O príncipe das trevas, não encontrando qualquer satisfação em si mesmo, enche-se de ciúme do reino da luz, cuja fronteira ele tenta atravessar com seus companheiros/demônios. Deus, que domina no reino da luz, o “Pai da Magnanimidade”, origem e fonte do amor, não deseja lutar, entretanto faz um sacrifício. Ele engendra o primeiro homem, “seu filho pleno de força” que, equipado de cinco poderes, mergulha no reino das trevas. Esses cinco poderes constituem a alma de luz ou veste-de-luz, imagem brilhantemente expressa no *Canto da Pérola*. Essa alma vivente – os cinco filhos – é devorada pelo príncipe das trevas e seus cinco filhos. Nos textos maniqueus é dito que os cinco filhos da luz arrastam-se para dentro das entranhas de *hylé*, a matéria, mas... não são por ela atacados! Desde então um elemento luminoso, salvador e libertador, introduziu-se nas trevas. Não por meio de um combate ou pela força, mas sim, pela oferta da luz, as trevas são atacadas.

A cosmologia de Mani traça em muitas nuances a oferta desses elementos luminosos e sua definitiva libertação do reino das trevas. Esses elementos de luz (centelhas divinas) estão aprisionados no homem natural, hílico. Mas o homem feito de matéria tenebrosa não é capaz de libertar os elementos de luz por suas próprias forças, nem tampouco a alma de luz pode fazê-lo! Na verdade, esta última, vencida pela matéria tenebrosa, *ignora tudo* sobre sua origem divina!

Assim como o homem do princípio possui uma alma quántupla, o homem material, hílico, tem igualmente uma alma quántupla, porém formada das forças das trevas. A alma de luz é potencialmente quántupla, mas está mergulhada num “sono de morte”. Trata-se, portanto, de despertar a alma de luz e reanimar, como diz Mani, seus cinco aspectos: perseverança, fé, perfeição, amor e sabedoria. Mas estas virtudes não podem se desenvolver se não receberem as forças do reino da luz. Como, pois, despertar a alma de luz? Mani diz, então:

*Senhor, que devo fazer
para verdadeiramente viver?
Dá repouso à tua mão,
reveste-te da pura verdade,
dá à tua inteligência o amor,*



*à tua razão oferece a fé,
ao teu pensamento dá a perfeição,
à tua resolução, perseverança,
e à tua reflexão, sabedoria [...]*
Assim tu viverás, ó alma.”

O orador evocou uma nova atividade de Jesus, o próprio brilho do sol: a efusão do Paracleto, o Espírito Santo dos mestres e fundadores de todas as correntes religiosas. Sua tarefa é despertar as almas de luz, confirmando desse modo os seres humanos na verdade e na luz. Enquanto a alma permanece na esfera material, ela é vulnerável e é prejudicada pelas forças das trevas. Mas quando totalmente livre da matéria, a alma de luz é admitida no eão luminoso – um espaço compreendido entre o mundo da dualidade e o reino da luz – e é libertada do mal. Na evolução seguinte, o eão luminoso funde-se no reino da luz. A alma de luz do primeiro homem participa disso; ele é um dos incontáveis seres de luz perfeitos.

O elemento luminoso de cada ser humano está ligado com a coletividade de elementos luminosos chamada de “a alma do mundo”. Como a oferenda do primeiro homem é o sacrifício do filho do Pai da Magnanimidade, a sofredora alma do mundo é comparada a Jesus na cruz, a cruz de luz.

Para Mani, o Pai da Magnanimidade é Deus. Mas Deus e amor são um só. Os ensinamentos de Mani repousam na auto-oferenda de amor e na idéia de que os seres humanos devem constituir uma longa cadeia de oferendas no amor do Pai da Magnanimidade, pois foi por amor que ele engendrou o primeiro homem, Cristo. Tudo que veio em seguida, a salvação do pri-

meiro homem, a criação do mundo e de todos os reinos da natureza, pode ser considerado como emanações, influxos ou *oferendas* do Pai, e o homem somente pode libertar-se pela *auto-oferenda*.

Eis o que diz Mani sobre sua vida de apóstolo da luz:

*Nenhuma outra tristeza tenho,
senão esta: essas almas
às quais falta a esperança,
e que não são fortalecidas
interiormente na verdade.*

*Para evitar sua morte final,
os apóstolos e os pais,
os verdadeiros profetas
que se manifestam por Deus,
fizeram a oferenda de si mesmos
com grandes esforços,
na terrível necessidade de salvar
essas almas da segunda morte.*

*Nem um só apóstolo quis receber
sua recompensa nesta terra.
Eles passaram todo o seu tempo
em dores e sofrimentos
e aceitaram a crucificação de seus corpos
para salvar essas almas
da grande perdição,
para que elas se elevassem
à paz eterna no novo eão.*

BIBLIOGRAFIA:

Oort, J. V., *De Keulse Mani-Codex*.
Amsterdã, 2005.

Favre, F., *Mani, Christ d’Orient, Bouddha
d’Occident*. Tantonville: Ed. du Septénaire,
2002.



OS SONS SE PERDEM NO INFINITO

Às vezes é dito que o ouvido humano tem a forma de um embrião de cabeça para baixo e que o caracol, ou concha do ouvido interno, assemelha-se ao pavilhão auricular, que por sua vez reproduz a forma do embrião. O ouvido é o primeiro órgão a se desenvolver. Alguns dias após a concepção, quando o embrião mede apenas 0,9 mm, já é visto o esboço dos ouvidos. Quatro meses e meio depois da fecundação, esses órgãos já estão formados e permanecem os mesmos por toda a vida. Podemos dizer que a importância dos sentidos é mostrada desde nossos primeiros meses. O desenvolvimento da nossa consciência começa com eles.

A audição é um sentido interno. O que é dito penetra diretamente o ser interior. Esse sentido diferencia-se da visão, pois aquilo que vemos permanece fora de nós. Somos como que “agarrados” pela audição. Pelo tímpano, a onda sonora chega ao espaço interno do ouvido, tocando os ossículos auditivos e depois a trompa. O ouvido interno é um caracol enrolado em espiral ao redor de um labirinto membranoso que compreende um conjunto de cavidades cheias de líquido. Os sons captados pelos ouvidos repercutem através da espiral e sofrem uma aceleração em progressão

logarítmica, até desaparecer do mundo material. Tudo quanto ouvimos se perde no infinito.

OS SONS SE FORMAM EM NÓS

Em nós, o audível e o inaudível se sucedem reciprocamente e agem da mesma maneira. Em cada tom vibram tons dominantes, tons mais altos cujas frequências vibratórias são múltiplos da frequência do tom fundamental. Os sons muito graves, ainda inaudíveis, chegam da área perceptível, passam, e em seguida desaparecem no inaudível. O ouvido surgiu para que o

homem pudesse sobreviver nas condições de vida primitivas. Com o decorrer do tempo, o ouvido transformou-se na faculdade de audição. Isto equivale a dizer que os sons não despertam senão em nós: não ouvimos apenas com os ouvidos, mas com todo o nosso corpo, com cada célula. Cada célula é tocada pelas vibrações que chegam até nós, incluindo também aquelas que são inaudíveis. Era nesse sentido que Beethoven, o grande compositor, quando se tornou surdo, ouvia. Ele ouvia mais que os sons externamente audíveis.

Os dois condutos auditivos conduzem para o centro da cabeça. Tudo que ouvimos ressoa no fluido da alma ali presente. Isto é o que dá à consciência o impulso para escutar certos sons ou então deles se afastar. O ouvido é, em nosso corpo, um fator regulador do processo de audição. Ele faz a ligação entre os aspectos da alma e o mundo dos sons e rumores.

Quando escutamos uma outra pessoa, nós vibramos com ela porque nos abrimos a ela. Assimilamos não apenas o que ela diz, mas também as características de suas vibrações que penetram os próprios fluidos da alma e são por eles absorvidos. Dessa maneira, ouvimos de forma objetiva, interiormente. Assim desperta em nós não somente a compreensão, mas também a compaixão no nível da alma. O discernimento aumenta e já não há julgamento. Por outro lado, dá-se uma seleção, pois nem tudo merece ser ouvido! Esse saber ouvir é tão intenso que em certos momentos

a separação entre o falar e o ouvir desaparece, e uma troca de informação sem palavras acontece.

Para aqueles que buscam, que questionam, os sentidos têm uma função receptora de sons, de impressões, de informações. No homem-alma, as funções sensoriais são de preferência emissoras: os olhos refletem a força divina nele ativa, e, como acabamos de descrever, o ouvir pode ser uma verdadeira fonte de consolo e de força auxiliadora.

Falar é a produção e a irradiação da força criadora, a força do homem nascido da natureza de que ele necessita para executar a única obra para a qual é chamado. Por isso, quem procura Deus falará somente quando for estritamente necessário.

O que é, então, escutar? É a recepção sensorial da mesma força que os outros vertem pela fala. Quando falais e outro ouve, o outro recebe em si a força que vós desprendeis ao falar, e, via de regra, isso é extremamente grave neste mundo. Por isso, tanto a fala como a audição são um assunto muito delicado, para o qual todo aluno deve muito especialmente voltar sua atenção. No caso de um disciplinado sério, tanto a fala como a audição são submetidas a uma lei muito sagrada, lei que atua exclusivamente no plano do homem-alma liberto. Cada fala ou audição abaixo de determinado nível prejudica o homem e liga-o à natureza inferior.

Rijckenborgh, J. v., *A Arquignosis egípcia*, t. 3.
São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1989.

VENCER O ENGANO

Da autoconsciência para a oniconsciência

O homem pode, através do princípio espiritual que está em ligação com seu coração, forjar uma ponte para a sexta região cósmica, que tem uma vibração totalmente diferente. Por intermédio desse princípio, a energia do Logos pode estimular nele uma nova força-alma que pode levar ao desenvolvimento tudo o que é divino no pequeno mundo do homem.

Ao trabalhar com essa energia, o ser humano tem a possibilidade de formar sua compreensão. A compreensão se forma quando o homem pesquisa ativamente, quando trabalha e observa, tentando integrar à sua vida valores (de alma) elevados, colocando-os em prática. Se o homem permite, se ele aplica essas possibilidades, o que é desejável, desenvolverá uma grande inteligência. Ele aprende a compreender as situações em que se encontra, e, tanto em meio a dificuldades como facilidades, mede toda a

importância de si mesmo. O entendimento que daí nasce torna-se um princípio condutor para toda a vida futura. Eis por que o primeiro passo no caminho da liberação da luz no homem consiste na “compreensão”.

Assim, enquanto a personalidade trabalha no “homem, conhece a ti mesmo”, seu conhecimento se desenvolve em: “e conhecerás o Universo e Deus”. Na alegria do devotamento, ele se vê engajado num novo crescimento da alma, que será, num futuro próximo, essencial para toda a humanidade.

DO EXTERIOR PARA O INTERIOR

No livro *Sidarta* de Herman Hesse, o herói aprende a escutar as dez mil vozes do rio nas quais ele ouve a voz do “Outro”. O livro também relata como Govinda vê no rosto de Sidarta os “mil rostos do ser”. Jacob Boehme entrou em contato com as profundezas de sua alma ao ver refletido um raio de sol num vaso de estanho. O brilho, uma percepção interior, portanto, desperta nele a sensibilidade ao reflexo interior do espírito.

A vida exterior proporciona uma infinidade de experiências, tanto positivas quanto negativas. A vida interior somente pode revelar-se quando a totalidade das experiências foi vivida e completada. Por isso, só podemos nos aproximar da vida interior por meio da vida exterior. As experiências da vida terrestre nos conduzem às portas

No livro A Gnosis chinesa, J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri escreveram:

“O modo como vemos está em total harmonia com a força astral com que estamos envolvidos. Ouvimos em total conformidade com a força etérica atraída pela luz astral magnética”.



do infinito. A vida exterior é a passagem obrigatória para a vida interior. A natureza, bem como nossos sentidos e nossas percepções, que dela fazem parte, são inestimáveis para nosso caminho de desenvolvimento.

É fácil reconhecer a importância de ver com os olhos, pois podemos observar conscientemente os símbolos do crescimento da alma presentes em toda a natureza: as plantas que crescem, as flores que desabrocham, a primeira batida de asas de um passarinho que se aparta do ninho, meio caindo, pela primeira vez.

ENVOLVIDOS POR SONORIDADES

Assim também se dá com o sentido da audição: não é algo grandioso o fato de a música nos dar uma idéia da harmonia interior, da claridade maravilhosa e da amplitude libertadora da sensibilidade e do pensamento, que paradoxalmente nos lembra que o domínio do infinito é puro silêncio? Sobre este tema, um escritor se expressou da forma seguinte:

“Estamos numa cidade, num país estrangeiro, rodeados de sons, cores e odores desconhecidos. Músicas cheias de vida soam em todo lugar. Os primeiros dias de primavera trazem algo mais no ar. A música cessa. Eu permaneço imóvel, um cosmos vibrante, ressoante. Será que vibramos com esse som? Essa idéia abre uma porta por onde se engolfa um profundo sentimento de solidão, e meus pensamentos se calam. Sou uno com o silêncio. Então, um som onipenetrante me invade. Cada uma de minhas células completamente desperta escuta. Esse som indescritível, estranho, e tão familiar. As fronteiras são abolidas.

Há um espaço sem limite, o espaço da alma que se estende para além de

todo rumor do mundo. É uma elevada vibração, é a essência vivente, o eterno ser-mãe. De que nos aproximamos? O que ouvimos? É nossa vida um eco desta vibração que chama? E nós escutamos, cheios de profunda compreensão. Contudo, muito rápido, os antigos sons retornam. Vozes do passado, externas e internas. Porém agora, nesse tumulto, a alegria da compreensão permanece: sabemos-nos cingidos, nutridos, e estaremos novamente despertos.

Continuamos nosso caminho em meio da multidão e seus mil ruídos. A essência da vibração do outro reino ressoa além, após o eco da eternidade ter-se gravado em nós, imprimindo o seu selo. Somos caracterizados por esse eco. Somos como instrumentos cujas inumeráveis vozes falam disso. Porém, o som único ressoa em nós quando nos abrimos à sua vibração. É o som do silêncio, a nota contínua do infinito.”

É verdadeiramente extraordinário o fato de que os próprios sentidos do homem possam lembrar-lhe do infinito, do domínio da eternidade, que é puro silêncio. Através de semelhantes experiências, a natureza nos reenvia incessantemente ao absoluto, que se encontra além de tudo. Isto é o que metaforicamente denomina-se “ver” e “ouvir” com o coração. Na luz do espírito divino nenhum engano subsiste.

FONTES:

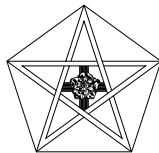
Sarnia, P. P., *Keuschliches und digitalisiertes Bewusstsein*; Das Uscendliche und die Greuze. Internet.

Steiner, R., *Crônica do Akasha*. São Paulo: Antroposófica, 1994.

Hesse, H., *Sidarta*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

Boehme, J., *Viver na simplicidade de Cristo*; coletânea de trechos escolhidos.

Petri, C. d., *O Verbo vivente*.



É preciso ter uma visão clara do verdadeiro estado dos seres humanos, ou seja, sua ignorância de Deus em sua vida atual. Para se dar um fim à separação entre o homem e Deus, é necessária uma despedida, uma supressão da ligação com as forças da natureza em favor das forças do Espírito.

(O caminho de Hermes, página 12)